

AS OBRAS DA CARNE

PORNEIA - fornicação; prostituição; imoralidade sexual; imoralidade; pensamentos impuros. Porneia é usada aqui como uma palavra bem geral para as relações e relacionamento sexuais ilícitos e imorais. As variações da palavra lança luz sobre a atitude mental por trás dela. Essencialmente, porneia é o amor que é comprado e vendido — o que não é amor de modo algum. O erro grande e básico nisto é que a pessoa com quem semelhante amor é satisfeito não é realmente considerada uma pessoa, mas um objeto. Ele ou ela é mero instrumento através de quem as exigências da concupiscência e da paixão são satisfeitas. O amor verdadeiro é a união total entre duas personalidades de modo que se, tomam uma só pessoa, e que cada uma acha sua própria realização na união com a outra. Porneia descreve o relacionamento em que uma das partes pode ser comprada e descartada como um objeto, e onde não há união de personalidade nem respeito por estas.

Interessante o fato de que é com este pecado que Paulo começa.

A vida sexual do mundo greco-romano nos tempos do NT era um caos sem lei.

Certo autor, descrevendo os tempos em que vivia Luciano, na primeira metade do século II, escreve: "Luciano vivia numa época em que a vergonha parecia ter sumido da terra."

Na Grécia, nunca tinha havido qualquer vergonha nas relações antes do casamento ou fora dele. Outro escreve como se fosse uma coisa comum, como de fato o era: "Mantemos amantes para nosso prazer, concubinas para as necessidades diárias do corpo, mas temos esposas a fim de produzir filhos de modo legítimo e de ter uma guardiã fidedigna dos nossos lares". Nos dias primitivos de Roma as coisas tinham sido muito diferentes, e a pureza era a regra. Mas nisto, os vencidos tinham conquistado os vencedores, e Roma aprendeu a pecar com a Grécia. "Vejo Roma," disse outro historiador, "a Roma orgulhosa, perecendo como vítima da sua própria prosperidade". Difícilmente é possível mencionar uma grande personagem grega que não tivesse sua amante, e frequentemente estas amantes eram as mulheres mais belas e cultas da sua época. Alexandre Magno tinha sua Taís, que depois da morte deste casou-se com Ptolomeu do Egito e tornou-se mãe de reis; Aristóteles tinha sua Herpília; Platão, sua Arquenessa; Péricles, sua Aspásia que, segundo se dizia, até mesmo escrevia seus discursos para ele; Sófocles, sua Arquipe, a quem deixou como herdeira; Isócrates, sua Metaneira, Frine, a mais famosa das cortesãs, era tão rica que se ofereceu a edificar um muro em derredor de Tebas, se os cidadãos aceitassem fazer nele a seguinte inscrição: "Embora Alexandre o tenha destruído, Frine, a cortesã, o restaurou" (576-592). A atitude grega dificilmente pode ser melhor demonstrada do que pelo fato de que, quando Sólon foi o primeiro a legalizar a prostituição e a abrir prostíbulos do Estado, os lucros destes eram usados para erigir templos aos deuses (569 D).

Quando a frouxidão moral grega invadiu Roma, tomou-se tristemente mais grosseira. Hiberina, diz Juvenal, não se sente mais satisfeita com um só homem, do que se sentiria com um só olho (Juvenal: Sátiras 6.55). As mulheres romanas, diz Sêneca, casavam-se para

serem repudiadas, e divorciavam-se para casar-se de novo. Algumas delas distinguiam entre os anos, não pelos nomes dos cônsules, mas pelos nomes dos seus maridos.

- "A castidade é mera prova da mentira e a inocência, não é rara: é não-existente.
- "Quanto maior a infâmia, mais desenfreado o deleite.

Estava para chegar o dia em que Clemente da Alexandria haveria de falar de certas mulheres como a personificação do adultério.

Estava para chegar o dia em que Alexandre Severo, um dos grandes e bons imperadores, forneceria ao homem que entrava no governo de uma província "vinte libras de prata, seis mulas, um par de asnos, um par de cavalos, duas vestes para serem usadas no foro, duas para casa, uma para os banhos, cem moedas de ouro, uma cozinheira e uma concubina no caso de um homem que não tinha esposa e que não podia viver sem uma mulher".

A classe alta da sociedade romana havia-se tornado grandemente promíscua. Até mesmo Messalina, a imperatriz, esposa de Cláudio, saía às escondidas do palácio real à noite, a fim de servir num prostíbulo público. Ela era a última a sair de lá, e "voltava ao travesseiro imperial com todos os odores dos seus próprios pecados".

Pior ainda era a imoralidade desnaturada que existia. Começou no lar imperial. Calígula vivia conhecidamente em incesto habitual com sua irmã Drúsila, e a concupiscência de Nero nem sequer poupou sua própria mãe, Agripina.

- A sociedade, desde o mais alto escalão até o mais baixo, era cheia de homossexualidade. Este foi um vício que Roma aprendeu da Grécia. Assemelha-a a um fungo que se espalha resolutamente pela floresta
- "Seria melhor não necessitar do casamento, mas seguir Platão e Sócrates e contentar-se com o amor de meninos"
- Um escritor apresenta a figura que representa Sócrates. "Eu sou amante dos meninos," diz ele, "e sábio em questões do amor." "Qual é a sua atitude para com meninos bonitos?" perguntam a ele. "Seus beijos."

O Simpósio de Platão é classificado como uma das grandes obras da literatura. Seu assunto é o amor, mas é o amor homossexual.

Nero "casou-se" com um jovem castrado com o nome de Esporo, e passou com ele por todas as ruas de Roma, em cortejo nupcial.

Deve ser notado que todas as evidências a respeito da imoralidade sexual indescritível do mundo contemporâneo com o Novo Testamento provém, não dos escritores cristãos, mas dos pagãos que estavam enojados consigo mesmos.

Paulo coloca-se contra essa imoralidade sexual. Espanta-se com o fato de que os Coríntios não estão horrorizados diante do caso do homem que está coabitando com a esposa do seu pai (1 Co 5.1). Deste pecado o homem deve arrepender-se, senão sua chamada vida crista é uma zombaria (2 Co 12.21). O cristão deve abster-se totalmente de tal coisa (1 Ts 4.3); deve fugir dela (1 Co 6.18); deve mortificar estas atividades (Cl 3.5).

o único pecado em que o homem peca clara e inconfundivelmente contra seu próprio corpo (1 Co 6.18), e o corpo não é para a imoralidade, mas para o Senhor (1 Co 6.13).

Tem sido dito que a castidade era a única virtude completamente nova que o cristianismo introduziu no mundo pagão.

E havia três razões porque a tarefa de introduzi-la foi de uma dificuldade extraordinária.

(i) Não havia uma forte frente de opinião contra a imoralidade. Para o mundo greco-romano a imoralidade nas questões sexuais não era imoralidade; era o costume e a prática estabelecidos.

(ii) O prevalecimento das ideias gnósticas era um problema sério. O gnóstico via o espírito como totalmente bom, e a matéria como essencialmente má. Se a matéria é essencialmente má, logo, o corpo é necessariamente maligno. Sendo assim, há duas possibilidades. Em primeiro lugar, há a possibilidade em que todos os desejos do corpo são rígida e vigorosamente negados. Em segundo lugar, há a possibilidade de que um homem argumente que, se o corpo é mau, não importa o que se faz com ele. Pode-se saturar e saciar os seus apetites, e isto não tem importância alguma, porque o corpo é, de qualquer maneira, algo perecível e maligno. Fica claro, portanto, que em certo sentido o gnosticismo poderia ser uma defesa da imoralidade.

Uma coisa fica clara: nenhum gnóstico poderia dizer, em momento algum que o corpo é para o Senhor (1 Co 6.13). Para o gnóstico, o corpo era a única parte do homem que nunca poderia ser para o Senhor. A mensagem cristã sobre a salvação da pessoa como um todo, do homem total, do corpo, alma e espírito, era uma coisa nova e necessariamente envolvia um evangelho de pureza.

(iii) O cristianismo teve de enfrentar uma situação onde, em muitos casos, a prostituição era vinculada com a religião. Havia muitos templos que tinham suas multidões de prostitutas sagradas. O Templo de Afrodite em Corinto tinha milhares delas, e desciam para as ruas da cidade para exercer a sua profissão ao cair da tarde. O costume tem sua origem na glorificação de Deus na força vital que é mais clara no poder do sexo.

O cristianismo tinha de enfrentar uma situação em que a religião e a imoralidade sexual andavam juntas.

Ninguém precisa ficar atônito porque Paulo começa sua lista das obras da carne com os pecados sexuais. Ele vivia num mundo onde tais pecados emanavam, e naquele mundo o cristianismo trouxe aos homens um poder quase milagroso para viver em pureza.